

## A TRADIÇÃO DISCURSIVA DOS ADJETIVOS NOS BENDITOS POPULARES

Camila Maria Gomes (PPGEL/UFRN)  
kk\_mgomes@hotmail.com  
Lucrécio Araújo de Sá Júnior (UFRN)  
lucrecio.sa@gmail.com

### Introdução

Este trabalho objetiva observar os traços discursivos fazer algumas considerações em relação ados cantos religiosos denominados Benditos observando a dinâmica desses nas Novenas tradicionais da religiosidade popular; a perspectiva teórica está ancorada no modelo de análise das Tradições Discursivas (TD).

A pesquisa que desenvolvemos está centrada em um corpus composto por cinco manuscritos (cadernos), recolhidos do município de Lajes, no Rio Grande do Norte. Para o cumprimento desse estudo, no entanto, observaremos dois desses cadernos.

O nosso Projeto está inserido dentro de um Projeto que possui alcance nacional, contando com 11 (onze) equipes espalhadas em todo o país, sendo coordenado pelo Prof. Ataliba Castilho. No RN, o Projeto Regional é coordenado pelo Prof. Dr. Marco Antônio Martins. Nesse sentido, integrado ao PHPB-RN, nosso Projeto tem a intenção de coletar documentos norte-rio-grandenses, entre os séculos XVIII, XIX e XX, intencionando, para tanto, reconstruir a história da Língua Portuguesa no Brasil e, portanto, no Rio Grande do Norte.

Nesse ínterim, o presente estudo tem o intuito de contribuir para o entendimento dos processos constitutivos dos textos analisados, buscando apontar algumas relações de permanência e mudança de TDs no patrimônio imaterial religioso. Vale salientar, contudo, que se trata de uma pesquisa ainda em desenvolvimento e que, portanto, apresenta resultados parciais.

Nos textos observados no nosso *corpus*, assim como assinala Durand, o *Sermo Mythicus* passa a ser dominante, apagando-se, portanto, o “sujeito da ação para dar ênfase à ‘ação’ expressa”. Nesse sentido, alguns traços podem ser observados como recorrentes e marcantes da macroforma desses textos, como a substantivação e a implementação de adjetivos, através dos quais se revela a lógica simbólica do discurso pertencente ao meio social e político. Como levaremos em consideração a teoria das TDs, devemos estabelecer que de acordo com essa, os textos são portadores de tradições, ou seja, apresentam regularidades, semelhanças discursivas ou formas textuais já produzidas pela sociedade, em momentos anteriores, que permanecem ou se modificam ao longo de sua existência, assim como apresenta Kabatek (2001, 2003, 2005 e 2006). Para averiguar a presença dos aspectos que marcam a *formulaicidade* do texto, faremos uma análise sobre:

- (i) A apresentação da macroestrutura textual.
- (ii) A presença dos adjetivos nesses textos (orações e benditos que compõem as novenas), a fim de perceber o estabelecimento do sentido textual.
- (iii) Os papéis discursivos assumidos através do uso desses textos.

Fazendo uma breve análise sobre o segundo objetivo proposto para este trabalho, em relação ao uso dos adjetivos, visamos percebê-lo em seu conceito mais básico: o adjetivo pode ser entendido como sendo o termo responsável por expressar qualidade ou característica de ser, e, além disso, estar ao lado do substantivo. Nesse sentido, aqui o

adjetivo está classificado como: Explicativo: responsável por exprimir qualidade própria do ser; e Restritivo: responsável por exprimir qualidade que não é característica do ser.

A fim de cumprir nossa proposta, a estrutura do trabalho se dá da seguinte maneira: inicialmente trazemos, no referencial teórico, as principais teorias acerca das Tradições Discursivas, levando em consideração a utilização dos Benditos e, portanto, das novenas, tradições populares a serem analisadas. Em seguida, apresentaremos o *corpus*, composto por dois cadernos com novenas, recolhidos do município de Lajes, no estado do Rio Grande do Norte.

## **1 As Tradições Discursivas e os benditos populares**

Para fundamentar este trabalho, utilizaremos, inicialmente, o conceito de Tradição Discursiva, utilizando os pressupostos conceituais de Johannes Kabatek e Eugenio Coseriu. Dando prosseguimento a essa abordagem, podemos perceber que há pouco tempo no Brasil, o conceito e os questionamentos acerca das Tradições Discursivas (TD) vêm sendo bastante abordados, sendo conceitos empregados nos estudos diacrônicos que analisam textos/discursos.

De acordo com Johannes Kabatek (2006), o conceito de Tradição Discursiva (TD) nasce dentro da linguística alemã. Tal conceito é postulado por Peter Koch e Wulf Oesterreicher (1997), que definem as TDs levando em conta a língua como sistema gramatical e lexical, além da presença de modos tradicionais de organizar/usar a língua, o que culmina em certas tradições. Assim sendo, grande parte dos romanistas alemães levam como fundamentação teórica a distinção estabelecida por Eugenio Coseriu a respeito dos três níveis da fala.

As TDs estão diretamente ligadas à historicidade das línguas e dos textos. Assim, como aborda Kabatek (2006), as TD, inicialmente, poderiam ser entendidas como “modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou forma literária complexa”. Ainda nesse sentido, o traço que define as TD é a relação textual em um dado momento histórico e outro anterior. Trata-se, portanto, de uma relação de tempo em que há a repetição de algum aspecto, seja total ou parcial. Porém, deve-se ressaltar que nem todas as repetições observadas em textos podem ser consideradas como TD.

Em outras palavras, para um texto possuir marcas de TD, deve-se levar em consideração uma série de aspectos, como a historicidade, repetições relevantes e que estejam ligadas e uma intenção comunicativa específica. Como expõe Kabatek:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos lingüísticos empregados.

Assim, as TDs se relacionam a atos de fala mais simples a atos mais complexos, a partir daquilo que é determinado pelas relações culturais. Prosseguindo nesse sentido, para Pinto Correia (apud Sá Júnior, 2012, p. 190):

Nas culturas populares, as Tradições Discursivas se definem como um conjunto de textos orais que, tendo sido criados em datas situáveis e desconhecidas, foram aceitos e transmitidos pela cadeia de oralidade, posteriormente pela escrita em comunidades pouco ou nada letradas.

## **2 A questão da oralidade no benditos populares**

Dando prosseguimento às teorias que permeiam este trabalho, abordaremos agora uma questão essencial para o entendimento e estudos dos benditos populares: a oralidade.

Assim, podemos dizer que a oralidade possui papel fundamental: fazer com que esses textos cheguem à comunidade, seja, desse modo, transmitindo e retransmitindo, se espelhando em diversas regiões e assumindo formas variadas. Sá Júnior (2012) faz uma explanação sobre os Macroconjuntos da literatura oral tradicional, observadas por Pinto-Correia (1993, p.65), apresentando Macroconjunto Prático-religioso, que leva em consideração o sentimento e o afeto de confessionalidade ou até de práticas de crenças e superstições; a Narrativo-dramática, que é formado por textos que, em sua maioria, é em prosa e que comunicam ações completas, com a presença de diálogo e as composições dramáticas, que leva em consideração as peças e diálogos do cotidiano popular.

Assim, é possível observar que o nosso corpus, se insere no primeiro macroconjunto (prático-religioso), ou seja, as novenas analisadas são composições de caráter prático-utilitários, e também levam em consideração as práticas de intenção mágica.

Para compreensão desses textos, nas culturas populares, é preciso entender que os textos carregam marcas linguísticas que se configuram de acordo com o local em que estão inseridos; os textos orais são elaborados conservando a identidade de uma dada região ou sociedade (cf. Sá Júnior, 2009). Em relação a esse aspecto, abordaremos também a ideia construída por Paul Zumthor que aponta que “todo discurso é ação, física e psiquicamente efetiva”. Para Zumthor, nas sociedades orais, o poder atribuído à palavra é o que dá vida ao povo; todos os segmentos da sociedade se formam através da palavra, que manda, impera, modela os atos e ações.

Nesse sentido, falar em “palavra”, na sua real ideia, implica em admiti-la como algo que possui um poder imensurável, que é capaz de decidir, se assim podemos dizer, rumos no mundo (Zumthor, 1993). É daí que se estabelece a “riqueza das tradições orais”, de acordo com Zumthor (1993). O que podemos verificar nos benditos e, desse modo, na sua história é que toda comunidade, ao realizar as novenas, faz dos santos um espelho real e leal; a comunidade procura se espelhar nas ações dos santos e faz do discurso utilizado no rito algo para se levar para a vida prática.

É nessa direção que Zumthor aponta, “a voz poética assume a função coesiva e estabilizante sem a qual o grupo social não poderia sobreviver”. Ou seja, é por meio da voz do povo que essa “voz poética”, apontada por Zumthor, se apresenta e passa a ser conhecida pelo povo, passando pelos mais diversos discursos e, assim, fazendo-se como uma “referência permanente e segura” (Zumthor, 1993).

Portanto, como aponta Zumthor: “a voz poética é memória”, no sentido em que os discursos proferidos pela comunidade passam a fazer parte da vida e história daquele povo e, assim, habitar na memória da comunidade. É interessante verificar, ainda, o que Zumthor aponta a esse respeito, ao proferir a noção de “falsa reiterabilidade”. Para ele, essa noção “constrói o traço principal da poesia oral, fundamentando seu modo de existir fora da performance” (Zumthor, 2010), ou seja, a poesia oral não é aleatória, ela

também não deve possuir performances variadas, por isso a utilização de mecanismos que servem para aplicar essa “falsa reiterabilidade”, como no nosso caso, com os textos analisados: apesar de terem sido produzidos oralmente, o “armazenamento” desses na memória é, portanto, história da comunidade.

A análise dos textos populares aqui estudados perpassa o pensamento que Paul Zumthor (1993) elaborou sobre a oralidade: “admitir que um texto, num momento qualquer de sua existência, tenha sido oral é tomar consciência de um fato histórico que não se confunde com a situação de que subsiste a marca escrita, e que jamais aparecerá (no sentido próprio da expressão) a nossos olhos”. Ou seja, ao estudar esses textos a partir da recolha de cadernos manuscritos, verificamos que apesar da materialização da escrita, há a presença da voz, oralidade intrínseca nos textos, isso por que a transmissão da voz para o papel é feita pela escuta, assim a vocalidade que se faz presente na performance, também é manifesta no texto. As marcas da oralidade nos textos são muito recorrentes. Como podemos ver no excerto a seguir:

Da nossa crença | Branco sem véu | as nossas almas | Tristes é penozas | a bris as portas  
| Tizouro do céu | 4 Fim [rasura] | [rasura] jaculatória de Maio || Vosso coração sentido |  
Qual um punho atraspasou | a profiçiar de Semião | Daí-nos por vossa afliçã | otemar  
D. | a vossa fuga o egito | golpes penozo cauzou | Vosso santo coração | Nos alcance  
com o perdão | a piedadeA.N.m | Na perda de vosso filho | Vosso amor se constrictou |  
Vosso puro coração | Nos alcance com o perdão | assiença[?]N.m || vire [fol. 5r]<sup>1</sup>

Isso significa dizer que não haveria, nesse caso específico, o material escrito se antes não tivesse sido oralmente produzido. Observamos nos textos analisados, assim como aponta Zumthor (1993), que há uma espécie de “rumor”, no qual podemos verificar uma voz que se evoca dele.

Zumthor fala ainda sobre um “índice de oralidade”, que, segundo ele, está intrínseco no texto e corresponde a “intervenção da voz humana em sua publicação”. Para ele, no caso de “os textos musicalmente notados formam juntos, em comparação a todos os outros, um contexto significativo que conota fortemente uma situação global, porque manifesta a existência de uma ligação habitual entre a poesia e a voz”, e é isso que podemos verificar nos benditos e, assim, nas novenas. A musicalidade e, portanto, oralidade está fortemente perceptível nesses textos, e podemos observar isso, principalmente, por meio das rimas, tanto internas quanto externas.

Salve mãe toda divina | Salve ó cheia de graça | Salve estrela matutina | Reposta 1º ||  
Salve do mundo Senhora | Salve do céu a luz pura | Salve a divina Maria | Salve a mãe  
de ternura | 2 | Salve do mundo Senhora | Salve mãe do criador | Venha na vossa  
bondade | Teu poder é teu a mor | 3 | Salve do mundo Senhora | Salve o templo da  
trindade | Sentiu sempre teus votos | Teu amor tua bondade | 4 | A mãe de Deus escolheu  
| Da quela palavra e terna | Assim libera tiadora | Como espoza sua eterna | 5 Fim [fol.  
4r]

---

<sup>1</sup> Todos os exemplos apresentados foram transcritos como no texto original, seguindo as normas de transcrição do PHPB.

Ainda de acordo com Zumthor, há dois tipos de palavras e essas, por sua vez, não são apenas meras palavras, mas bem mais que isso. Primeiro, há a *palavra ordinária* e em segundo, a *palavra-força*. A primeira delas é a palavra da banalidade, que é demonstrada de forma superficial, enquanto a segunda é a palavra mais fixa, advinda de “arquivos sonoros de massas” que, por vezes, ainda ignora a forma escrita. É o modelo de palavra que é utilizado em grande maioria por, assim como mostra Paul Zumthor, “velhos, pregadores, chefes, santos e poetas”. Não se trata, portanto, de uma palavra que circula em qualquer ambiente, mas tem seus lugares específicos.

A igreja católica, até o século XII, utilizava-se da palavra, da “tradição” oral como forma de dogma e, desse modo, impunha suas doutrinas aos fieis se utilizando da oralidade. Contudo, a palavra não era usada, nesse sentido, somente como meio de transmitir uma doutrina, mas era “fundadora de uma fé”. Nesse âmbito, surgia a “religião popular”, uma espécie de “cristianismo misturado de sobrevivências animistas”. Nessa “religião”, os ensinamentos eram transmitidos através da oralidade, de boca a boca, e por meio dessa mesma oralidade era passada e “verdade”, assim como podemos verificar na prática dos Benditos.

Em relação a esse gênero textual por nós estudado, trata-se de textos, por assim dizer, que não conservam uma forma fixa, sua *movência* é muito recorrente e alguns, assim como aponta Sá Júnior (2009), carregam “fragmentos de poemas da música cristã oficial, mas também há uma influência muito diversificada, criações próprias do povo”. Assim, fazer uma análise de textos pertencentes à tradição oral significa termos, como metodologia, um olhar para um texto (ou discurso) que não possui padrões, uma vez que a tendência é que os textos se multipliquem em suas variantes, mesmo que apresentem algumas marcas textuais e linguísticas específicas. As variações relacionadas ao aspecto linguístico residem nos campos lexical, morfológico, semântico-discursivo, dependendo do rito, tempo e lugar em que se encontrem.

O resultado das pesquisas mostra que o repertório das celebrações populares religiosas se define como um espaço híbrido, no qual as funções e dinâmicas sociais aparentemente incompatíveis com o universo do sagrado institucionalizado encontram um acolhimento natural. Com as novenas, se pode identificar ao longo dos séculos a vitalidade e a energia popular inegáveis para constituir tanto estética como ideologicamente seu próprio gênero litúrgico.

A partir da noção de gênero formulado por Bakhtin, Sá Júnior (2009) também verifica os deslocamentos ocorridos nas formas de textualização, alguns aspectos da tradição discursiva permanecem, e determinados elementos do canto mudam por conta da admissão de novas conjunturas sócio-política, econômica e cultural. Nesse sentido, o canto refere-se às condições de processamento de interação, diz respeito às questões envolvidas no ato comunicativo em que o texto é produzido e recebido. Pertencem ao seu domínio as determinações pragmáticas de fatores como: contexto situacional, interação e aceitação comunicativas, valores e crenças dos participantes na interação – produtor e receptor –, enfim, todos os aspectos ou constituintes situacionais que interferem na produção de sentido textual, definindo-o.

### **3 Sobre a análise do *corpus***

Para a realização deste artigo, o *corpus* é constituído por manuscritos recolhidos no município de Lajes, Rio Grande do Norte, com data de 1993. Para tanto, os cadernos analisados são abordados na perspectiva da macroestrutura, a fim de investigarmos a sua composicionalidade, com o intuito de evidenciar que esses textos são provenientes

de uma memória de longa duração, pertencente a uma Tradição Cultural/Discursiva; sobre a composicionalidade dos textos é possível observar: título com o nome da novena a ser apresentada (“Novena do mez de Maio”, por exemplo<sup>3</sup>), orações iniciais, orações específicas (como jaculatórias e ladainhas, por exemplo) e benditos, que são inseridos nas novenas, mas que apresentam, dependendo da novena, temáticas distintas e peculiares.

Numa análise inicial, a fim de fazermos uma apreciação da macroestrutura dos cadernos, podemos verificar que o primeiro caderno é composto por duas novenas, enquanto que o segundo é composto por três novenas. O primeiro faz menção apenas a imagem de Nossa Senhora, com a “Novena do mez de Maio” e a “Novena de Nossa Senhora”; o segundo apresenta, além de novenas ligadas à imagem de Nossa Senhora (Novena de Nossa Senhora), apresenta duas outras novenas ligadas à figura de santos (masculinos): “Novena de São José” e outra novena que, apesar de não apresentar título, verifica-se que se trata de uma novena de São Sebastião, em virtude dos benditos oferecidos ao mesmo Santo.

Ainda nesse sentido, de um modo geral, as novenas, tanto no primeiro quanto no segundo caderno, obedecem a certo padrão estrutural, como, por exemplo, a presença de orações específicas ao iniciar a novena, como o bendito “A nós descei Divina Luz” e o bendito “Vinde Espírito Santo”. Para tanto, podemos perceber que há uma diferenciação de localização desses dois cantos (Vinde Espírito Santo e A nós descei divina Luz) nas novenas, embora todas as novenas em análise tenham apresentado ambos os cantos. Além desse aspecto, todas as novenas analisadas apresentam Jaculatória, Oração Preparatória, Ladainha, Oferecimento, além de Benditos que compõem o ritual.

Em relação ao conteúdo, podemos observar que a primeira novena analisada (encontrada no primeiro caderno analisado) trata-se de um peditório, composta pelo uso repetitivo de atos de fala cuja força ilocucionária é emotiva e apelativa, no sentido de evidenciar que os participantes do ritual devem se preparar para o início da novena. O teor apelativo pode ser observado na última parte do rito, quando os fieis mostram total dependência aos santos e, portanto, necessidade da “divina luz” para dar seguimento ao ritual.

Como exemplo, temos:

|| A nós deçeis divina a luz | A nós deçeis divina a luz | em nosas alma açendei | O a mor o a mor é de jesus. || Sem vós espirito divino | çego só pudemos errar | enumais triste des atino | no mais profundo o bismo |sem fim é de penar || Novena do mez de Maio | 1° | Vinde espirito Santo ençhei | os corações de vossos fieis | açendei neles o fôgo do Nosso | amor mandai ao Nosso esperito | e tudo será criado Renovarei | a façe da terra. **Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai ao filho ao espirito** | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fim a mem 2° oração | Fim preparatoria [fol. 1r]

Em seguida, o rito se estabelece através de uma oração cuja intenção é pedir, mais uma vez, que o “espírito santo encha os fieis do fogo do seu amor” para que, assim, sejam “purificados” e prossigam no rito. É importante observar que os fieis

sempre se encontram em uma posição de dependência do ser divino e apelam para que suas preces sejam prontamente atendidas.

Exemplificando, temos:

| Vinde espírito Santo enchei | os corações de vossos fieis | azeitei neles o fogo do  
Nosso | amor mandai ao Nosso espírito | e tudo será criado Renovarei | a face da terra.  
**Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai  
ao filho ao espírito | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fm a  
mem 2º oração | Fim preparatória**

Na sequência, há uma evocação ao espírito santo, fazendo o pedido já mencionado, seguido de um pedido mais explícito. Citamos o exemplo a seguir:

“Deus vinde | me ajudar o Senhor apreçai - | vos em me socorrer gloria | seja ao pai ao  
filho ao espírito | Santo assim como era no prin- | çipio agora e sempre sem | fim a  
Mem”.

É interessante perceber que essa fórmula é utilizada nos dias atuais; nos ritos das missas celebradas nas Igrejas há uma estrutura semelhante, principalmente da parte final dessa oração. Um exemplo disso seria a oração apresentada atualmente na Igreja Católica:

#### ORAÇÃO AO ESPÍRITO SANTO

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis

E acendei neles o fogo do Vosso amor.

Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

OREMOS:

Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a Luz do Espírito Santo,  
Fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito,  
E gozemos sempre da Sua consolação, por Cristo Senhor Nosso. Amém!

Fonte:

[http://www.catolicosorlando.com/catolicos.orando.com/Ora%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_Esp%C3%ADrito\\_Santo.html](http://www.catolicosorlando.com/catolicos.orando.com/Ora%C3%A7%C3%A3o_do_Esp%C3%ADrito_Santo.html). Acesso em: 04/04/2012

Isso significa dizer que as culturas populares moldam os textos de acordo com suas necessidades rituais. Dando seguimento a nossa análise, é possível perceber que depois da oração mencionada acima há uma “Oração Preparatória”. Nessa, constam bastantes elementos atributivos ao ser divino, como “onipotente e eterno Deus”; “a mais amável criatura”, se referindo à Nossa Senhora. No início da oração há uma evocação a Deus, e através de Nossa Senhora é que o fiel encaminha as suas súplicas; o pedido é seguido de uma breve narrativa que remete à morte de Cristo: “de vos ter obitado o madeiro tão pezado”. Depois, direcionando-se à Nossa Senhora, há uma narração emotiva que relata o motivo da súplica: “minha dor fora tão grande que correspondera as últimas ofensas com que vos tenho tratado”, há um visível arrependimento pelos pecados cometidos na vida, seguindo-se da certeza de que a misericórdia de Nossa Senhora será maior e, assim, obterá o perdão procurado. No final da oração, há uma promessa de que por meio de Nossa Senhora o fiel não mais pecará.

Na jaculatória, que são orações curtas, nesse caso invocação à Nossa Senhora, há, no início, uma espécie de apropriação marcada pelo pronome possessivo “minha”, o que parece ser utilizado para reforçar a força ilocucionária à oração, e uma aceitação das

culpas cometidas, o que mostra a total submissão à Santa. No final da oração, há um pedido de aceitação das preces, que são rezadas com a finalidade de obter misericórdia de Deus, por intermédio de Nossa Senhora.

Em um momento seguinte, há a “Ladainha de Nossa Senhora”. Nela, o canto é feito em Língua Latina e nele podemos observar várias atribuições dadas à Nossa Senhora: “Santa Maria, Santa Deus Genitrix, Santa Virgon Virgennum”, no final do canto, seguido de vários qualificadores distintos.

Na sequência ritual há uma reza: “Salve Rainha”. Essa oração é diferente da tradicional, vista na Igreja Católica atualmente. É breve, e faz uma espécie de pedido para que Nossa Senhora salve o mundo, seguindo de adjetivações que exaltam a santa: “Salve mãe toda divina, Salve ó cheia de graça, Salve estrela matutina”. Podemos verificar isso na comparação das duas formas a seguir:

Salve Rainha (versão atualmente utilizada nas Igrejas)

Salve, Rainha,  
Mãe misericordiosa,  
vida, doçura e esperança nossa, salve!  
A vós brandamos os degregados filhos  
de Eva.  
A vós suspiramos, gemendo e  
chorando  
neste vale de lágrimas.  
Eias, pois, advogada nossa,  
esses vossos olhos misericordiosos a  
nós volvei,  
e depois deste desterro mostrai-nos  
Jesus,  
bendito fruto de vosso ventre,  
ó clemente,  
ó piedosa,  
ó doce sempre Virgem Maria.  
Rogais por nós Santa Mãe de Deus.  
Para que sejamos dignos das  
promessas de Cristo.  
Amém.

Salve Rainha (recolhida nos cadernos transcritos)

|Salve Rainha || salve do mundo  
senhora || vire [fol. 3v] || Salve  
mãe toda divina | Salve ó cheia de  
graça | Salve estrela matutina |  
Reposta 1º || Salve do mundo  
Senhora | Salve do çõe a luz pura |  
Salve a divina Maria | Salve a mãe  
de ternura | 2 | Salve do mundo  
Senhora | Salve mãe do criador |  
Venha na vossa bondade | Teu  
puder é teu a mor | 3 | Salve do  
mundo Senhora | Salve o templo  
da trindade | Sentiu sempre teus  
votos | Teu amor tua bondade | 4 |  
A mãe de Deus escolheu | Da  
quela palavra e terna | Assim  
libera tiadora | Como espoza sua  
eterna | 5 Fim [fol. 4r]

Curiosamente, no rito popular há uma “Resposta” a essa primeira oração, com as mesmas características da primeira, sendo que um pouco mais longa. Nessa podemos observar a repetição de alguns elementos: “Salve do mundo Senhora”, que se segue de um pedido: “Salve o tempo da trindade”, “Daquela palavra eterna”, e de uma adjetivação, qualificação atribuída à Santa: “teu amor tua bondade”, “teu poder é teu amor”.

Em seguida, há um bendito cujo título é “Hino da Padueira”. Inicialmente, há uma evocação e exaltação à virgem pura, seguindo-se de uma narração curta, que primeiro faz uma exaltação e em seguida pede a benção da santa.



Nesse bendito, percebemos que alguns elementos são recursivamente repetitivos, como os epítetos, que dão qualificações à Santa: “Nossa senhora mãe bela é rosa...”, “Nossa Senhora manhã sagrada...”, “Nossa senhora templo precioso...”.

Depois dessa oração, há, novamente, uma “jaculatória de Maio”, que difere bastante da primeira. Essa jaculatória, diferentemente da inicial, traz uma espécie de narração, contando, ressaltando a tristeza e o pesar sentido por Nossa Senhora em várias circunstâncias, sempre acompanhado de um pedido de perdão. Nesse sentido, observamos que há também semelhanças entre as duas ladainhas, sendo o pedido de perdão o mais visível, e ainda um reconhecimento de submissão à Santa.

Em seguida, há uma pequena oração em latim, seguindo-se de um “Bendito do mez de Maio”. No início há uma pequena narração, com o oferecimento do bendito à Virgem Maria. A estrutura “Fui o campo apanhar flor” é recorrente em todo o canto.

No final do bendito, há novamente o oferecimento do canto e se percebe a alegria do fieis em virtude do dia e do mês de Maio, que para a Igreja Católica tem grande relevância. Observemos no exemplo a seguir:

Quando eu çeguei na Igreja   Foi um dia de alegria   Hoje é o primeiro dia   Do Santo mez de Maria   6   O feresço estas capelas   A sempre Virgem pia   Que me leve lá ao çeu   7 Fim
--

Percebe-se que esse bendito é cantado no primeiro dia no mês, como é mostrado no próprio canto, por isso não se trata de um bendito recorrente no caderno das novenas.

Logo depois deste, há outro bendito cujo título é igual ao anterior. Trata-se de um bendito mais longo, que deixa visível a alegria da festa do “mês de Maria”, iniciando-se com uma narração e um pedido para que todas as coisas ruins se afastem dos fieis e que eles possam festejar. É interessante a relação metaforizada que se estabelece entre o mês de maio e as flores, o que também é observado no primeiro bendito do “mês de maio”. No terceiro Bendito de Maio, há também a mesma menção feita às flores e à alegria, em forma de uma narração. Há ainda a repetição da expressão “o coração de Maria” ao final de todas as estrofes do bendito.

Em seguida, há o “Bendito do ultimo dia”. Com estrutura semelhante das anteriores, nesse há o oferecimento das flores em agradecimento à Nossa Senhora, seguindo-se de um fechamento que deixa claro que apesar do mês acabar, não se acabarão os louvores à Nossa Senhora. Depois, há outro bendito, igual ao primeiro, apresentando a mesma estrutura e características.

Depois há a “Despedida de Maio” que dá um fechamento aos cânticos da novena. Sua estrutura é diferente do “Bendito do último dia”. Nele há uma despedida, que, de certa forma, retoma algumas características dos outros benditos e da própria novena como um todo. É ressaltado que o mês de maio é dedicado à Maria, qualificando Nossa Senhora como virgem pura: “O virgem sempre pura”, pedindo para que as preces sejam atendidas, e que não se caia nas tentações mundanas. Há algumas estruturas que se repetem ao final de cada estrofe: “A Deus minha mãe a Deus” e “a Deus...”. Em seguida, há outro bendito em resposta a Despedida: “a Resposta”. Nesse há a repetição da expressão “com minha mãe estarei” em todas as partes do bendito.

Fazendo referência à Nossa Senhora, constam os epítetos “Mãe de toda pureza” e “Mãe de suma bondade”. É perceptível, nesse bendito, a imagem construída de Nossa Senhora: mãe pura, intercessora, fiel, bondosa. Depois, há um “Hino no çeu”, que se assemelha ao anterior, pela referência feita ao céu e à Maria. A felicidade, alegria ao se referir à imagem celeste é visível.

Seguindo-se, há o “Hino a Maria”. Esse bendito conta uma história curta, tendo a expressão “Existe um nome que...” bastante recorrente no bendito, fazendo menção à Nossa Senhora, no caso, Maria. Ao final do canto há a “revelação” a que se refere o “nome”: “Maria é o nome em que Deus resume | Todo o perfume dos amores seu”. Também há referência ao céu, mas de forma breve.

O último bendito da novena é o “Hino Nossa Senhora de Fátima”, que apresenta uma estrutura mais longa que os anteriores e faz uma narração da história de Nossa Senhora de Fátima. Nele percebemos o diálogo entre Nossa Senhora e as crianças que a viram pela primeira vez, mas de forma implícita, sem marcadores explícitos. Nossa Senhora faz pedidos e assim percebe-se que ao seguir esses pedidos os fieis serão salvos. Desse modo termina-se a “Novena do mez de Maio”.

## **Conclusão**

Neste artigo, os aspectos composicionais demonstrados podem ser vistos, também, nas outras novenas em análise. A diferença são as temáticas dos benditos e algumas orações, que são específicas para cada santo. Além disso, podemos verificar que todas as novenas seguem uma coerência textual, ou seja, cada oração, cada bendito cantado tem seu lugar específico, e não aleatório, na novena. Ainda nesse aspecto, levando em consideração os papéis discursivos presentes nessas novenas, podemos constatar que esses textos acabam refletindo os papéis dos sujeitos na sociedade, seja o que, de fato, espelha as atitudes na coletividade, seja o reflexo daquilo que se gostaria de verificar na vida em sociedade.

Do ponto de vista microestrutura, observamos que as novenas apresentam tanto os adjetivos restritivos, quanto os explicativo, sendo que nas ladainhas, por exemplo, verificamos a maior parte dos adjetivos sendo Restritivos, como, por exemplo, em “estrela do mar”, “vaso celestial”. Enquanto nos Benditos, podemos observar a maior parte dos adjetivos como sendo do tipo explicativo, uma vez que eles acabam por exprimir a qualidade dos seres, como, por exemplo, em “santo poderoso”, “eterno Deus”, “amável criatura”, entre outros.

## **Referências**

- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KABATEC, Johannes. Tradições Discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, Tânia [et al] (Org.) Para a História do Português Brasileiro: Novos dados, novas análises. Volume VI, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2006
- OESTERREICHER, Wulf. Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximacion a uma tipologia. In: El espanol hablado y La cultura oral em Espana y Hispanoamerica.
- SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. A teoria dos atos de fala na filosofia da linguagem. João Pessoa: UFPB, 2006 (Dissertação de Mestrado).
- SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. Traços de permanência e mudança da memória ibérica no Rio Grande do Norte. In: História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise lingüística e textual da correspondência de Luís da câmara Cascudo e Mário de Andrade. Natal: EDUFRN, 2012.
- SÁ JÚNIOR, Lucrécio Araújo de. Vozes benditas: entre o nomadismo e a performance estão os atos. João Pessoa: UFBP, 2009 (Tese de Doutorado).

ZUMTHOR, Paul. A letra e a voz: A literatura medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à Poesia Oral. Trad. Jerusa Pires Ferreira (et al.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção e leitura. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.